

5 Conclusão

Uma análise do problema da autonomia da arte e de seus desdobramentos chegou a um sentido crítico da experiência estética contemporânea caracterizado pelo jogo que envolve as fronteiras entre arte e mundo e entre forma e idéia. A Terceira Crítica de Kant, através da leitura de Lyotard, forneceu elementos para que se concebesse uma experiência estética estritamente ligada ao componente crítico, de forma que o seu efeito assemelhava-se a um desencantamento. Essa concepção encontrou na produção artística da Pop Art o seu correspondente empírico. A filosofia de Kant foi aquela que primou por colocar as coisas nos seus devidos lugares, ou melhor, por estabelecer limites entre as diversas possibilidades de experiência. Não é surpreendente que se recorra a seu pensamento quando se quer indagar acerca da autonomia de uma experiência estética que parecia então confundir os seus limites com a lógica da racionalidade ou com as potências do mito. Com isso, entretanto, o efeito estético mostrou-se quase que exclusivamente como o de um desencantamento, quer dizer, como uma perspectivação que constitui até mesmo a condição para que a razão tenha um objeto enquanto tal no plano da experiência.

Talvez seja interessante concluir este trabalho não reafirmando uma vez mais as suas hipóteses, mas lançando em direção a elas o sinal de um possível autoquestionamento, procurando, com isso, manter ainda aberto o horizonte de investigação. A questão que vem se apresentar é a que permite indagar se o ponto de vista adotado por este estudo, ao perceber que a arte contemporânea é aquela que tem a inevitável consciência das contradições que marcaram os desdobramentos da arte moderna, não acaba por substituir uma ambigüidade, ou complexidade, que impulsionou e enriqueceu a dinâmica artística da modernidade, por uma visão unilateral. Até que ponto uma idéia crítica do estético faz justiça à arte contemporânea sem que represente uma redução da problemática moderna? Até que ponto a própria contemporaneidade artística corresponde a essa idéia? Até que ponto é viável romper os embates muitas vezes ingênuos- entre razão e natureza, arte e mundo, artista e sociedade, mito e esclarecimento- que tanto permearam as produções artísticas e discursos estéticos modernos, em prol de um

suposto conceito de desencantamento, sem que se dissolva com isso, também, algo essencial ao potencial artístico e à experiência estética enquanto tais? E, finalmente, será que tal conceito de desencantamento, associado ao de discernimento entre fronteiras, consegue legitimar-se em relação à própria ambigüidade presente na Terceira Crítica de Kant, de onde ele anuncia tirar seu fundamento? Ora, não é esta a obra do filósofo que ensaia reintegrar numa totalidade o que havia sido separado pelas duas Críticas anteriores?

O juízo reflexionante tal qual concebido por Kant, juízo do qual o estético é uma modalidade, pode de fato ser compreendido como aquele que, ao invés de desencantar, devolve à natureza uma aura de encanto que lhe havia sido arrancada com a Crítica da Razão Pura. Por meio do sentimento estético, é estabelecida uma relação entre sujeito e natureza na qual esta última já não se entrega como algo a ser sondado, como mero objeto do conhecimento. A natureza sugere integrar-se com o ideal da liberdade humana quando o seu ser também parece resistir à faculdade do conhecimento. Algo nela indica, com isso, não dizer respeito à ciência, mas ao espírito. Com o juízo estético, é devolvido à natureza o seu mistério, o seu sentido insondável. Não é tal “encanto” característico da vigência do belo natural o que, arquitetando uma afinidade radical entre homem e natureza, cada obra de arte precisa trazer à luz e dele se cercar para que ela mesma não se deixe adequar a qualquer conceito, para que ela, enfim, não se torne objeto do conhecimento? Sob esse prisma, não é plausível que a arte esteja naturalmente associada àquelas instâncias que se opõem ao movimento moderno de “desencantamento do mundo”? A própria autonomia da obra de arte não depende desse traço que, tal qual ocorre com a natureza julgada esteticamente, resguarda o seu ser em si?

É ainda preciso refletir acerca das consequências que as questões apresentadas nesta conclusão podem trazer para uma concepção da experiência estética contemporânea como a que se procurou desenvolver neste trabalho.